

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: **LARGO BORDALÓ PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA**

LISBOA, 20 DE JANEIRO DE 1918

ANO II—N.º 38

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADIANTADO

ANO..... 1240 SEMESTRE..... 670 ESTRANGEIRO
ANO..... 3400

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

A "REVISTA DE TURISMO"

A IMPRENSA PORTUGUEZA

E A SUA CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Em o passado numero d'esta Revista consagramos o artigo de fundo a crise que ora está afectando a imprensa portugueza, pondo em destaque—por assim dizer—as condições em que nós achavamos para suportar o mal que tenta devastar o tribunal da opinião publica, de que tambem fazemos parte, embora como figura de pouco lazimento.

N'esse artigo frizámos—se bem que muito sucintamente—as quasi insuperaveis dificuldades de toda a ordem que se tem anteposto á vida d'este quinzenario, e o isolamento em que se tem encontrado, já pela sensível falta d'uma justa e compensadora protecção official, quer pelo limitado concurso que lhe tem prestado a grande imprensa. Principalmente d'esta—a de Lisboa e Porto—é tanto mais para extranhar o retrahimento no auxilio que obrigatoriamente nos devia conceder, quanto é certo que ella está sempre prompta a noticiar e a reclamar as mais insignificantes bagatelas d'este mundo e a elevar aos pincaes da lua toda a nulidade que lhe cae na sympathia.

A publicação da «Revista de Turismo» órgão unico—na imprensa portugueza—dá mais prometedora industria, não tem merecido, á maioria dos grandes jornaes de Lisboa e Porto,

com a solicitude que era para desejar, umas referencias quinzenaes.

Triste é dizê-lo, mas não devemos deixar de particularmente o constatar.

—E' porque desconhecem a nossa existencia? Não; porque de todos os nossos numeros, um dos exemplares é dirigido a cada jornal. Além d'isso, quando foi da publicação do nosso primeiro numero—há perto de dois anos—todós, mais ou menos, a noticiaram, acompanhando, até, alguns, a sua noticia com referencias elogiosas que, então, muito nos desvaneceram.

Não se explica, pois, o regime de silencio que quasi todos adoptaram para com a «Revista de Turismo», principalmente quando tanto se estadeia a solidariedade jornalística, para a defeza dos interesses colectivos.

—Ou não faremos nós parte da imprensa portugueza???

A resposta a essa pergunta damol'a nós proprios. E se não nos bastasse a convicção d'esse axioma, que nos tem feito sentir todas as agruras da mais ingrata profissão—que é esta, tinhamos agora, bem em face, a prova mais provada de que a «Revista de Turismo» é um órgão da imprensa portugueza.

Essa prova é simplesmente o aviso

para pagamento da contribuição industrial, em que fomos colectados no corrente ano e que ascende á insignificante soma de escudos 42\$59!!!

—E' assombroso!!!

Em 1917 essa contribuição custounos aproximadamente 15 escudos, o que já achámos exorbitante não só pelo facto de sermos uma publicação quinzenal, com uma tiragem relativamente limitada em relação á sua indole, mas, principalmente, pelo fim que ella visa.

Procuramos colher elementos para apreciarmos a base d'essa colecta; e, apesar das investigações a que não nos poupámos, não conseguimos saber a forma porque nos foi arbitrada tão elevada contribuição. Confiámos, potem, que tivesse sido a resultante d'um arbitrio inconsciente, e que, de futuro, uma contribuição mais equitativa fosse lançada á nossa Revista.

Qual não foi, pois, a nossa surpresa, quando ha dias recebemos, pelo correio, o aviso para pagamento da modica quantia de Esc. 42\$59!

Mas, então, como se classifica este procedimento?

Em que base se funda a Fazenda Nacional para nos lançar tão exorbitante colecta?

Que Paiz civilisado iria ferir de morte uma empresa, como a d'esta Revista, que só tem em mira o engrandecimento nacional, e todos os seus esforços e sacrificios—que são sem conta—apenas convergem para esse fim?

Então, quando toda a imprensa se

debate n'uma angustiosissima crise, proveniente da difficil e anormalissima situação que se está atravessando, para a qual até o proprio governo procura atenuantes, vem a Fazenda Nacional lançar a uma empreza pequena, como a da «*Revista de Turismo*», a mais arbitraria e menos explicável das contribuições de industria?

Mas, era, então, justo que se estivesse alimentando a celebre revista portugueza que se publicava em Paris com somas que atingiram algumas dezenas—ou até centenas de contos de réis, e outras publicações, cujos beneficios para o nosso paiz eram de difficil justificação, e agora se negue e coarte os legitimos direitos que assistem á «*Revista de Turismo*», que ha quasi dois anos vem consecutivamente prestando o seu concurso á mais valiosa obra de resurgimento nacional que se está operando?

A consciencia luzitana que responde por nós.

Não podemos, contudo, e no meio da grande tristeza que nos invade, deixar de frizar que teem sido bem premiada a nossa iniciativa patriótica... Não haja duvida.

Nunca esperámos, depois que nos sugeriu a idéa de fundar a «*Revista de Turismo*» vêr, com satisfação e glória, coroado o nosso modesto concurso n'essa grande obra que obrigatoriamente se impõe a Portugal, se não quizer ficar sempre... onde está, em relação aos povos inteligentes. Esse premio do nosso trabalho legavamos aos nossos sucessores n'esta empreza. Mas o que jámais poderíamos esperar, era que todo este titanico esforço que vimos fazendo, fosse successivamente quebrado e amortecido pela falta d'um auxilio que devia brotar exontaneo da solidariedade d'uma grande classe, e pela completa ausencia de protecção de quem tinha por obrigação, estricta e immediata, de ajudarnos.

Temos, já em diversos artigos, feito saber que, quasi exclusivamente, ao favor publico devemos a existencia d'esta empreza. Ele é grande, mas não tão sufficiente que chegue, não já para a compensação do nosso arduo trabalho, mas para a sua continuação, tanto mais que o pezo dos enormes

encargos que oneram o nosso orçamento sobe vertiginosamente.

Portanto, se todos os que teem por dever prestarnos o seu auxilio, em todo o sentido, não vierem immediatamente conceder-nol'o, teremos certa-

NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

ESTAMOS na situação que ha muito desejavamos; *sem navegação para o Brazil*. Este facto regubila-nos e oxalá a situação se prolongue.

O ultimo vapor para o Brazil e Rio da Prata, sahiu em meados do mez passado e não sabem as agencias quando haverá outro.

Do Rio de Janeiro chegam clamores contra a supressão das carreiras da Mala Real Ingleza, e o comercio portuguez começa a prever as terriveis consequencias da falta de marinha propria.

Isto é a prova cabal do nosso desleixo.

Ainda bem que os factos vieram tristemente por a claro uma situação que ha muito previamos; pois só ella nos daria força para cortar o famoso nó gordio da desejada navegação portugueza para o Brazil.

Não queremos enumerar as tentativas, para o estabelecimento de uma linha de vapores nacionaes atravez do Atlantico, e as causas que teem impedido de a pôr em pratica; pois ellas todas se resumem n'isto: *Nunca os governos da nossa terra comprehenderam o alcance de tão elevada medida economica, a Navegação Nacional para o Brazil*.

E o desleixo, a indiferença, que tem presidido ás resoluções d'este alcance levam-nos a crer, que em Portugal só se procura fazer politica.

O ultimo compasso de espera, foi ha pouco feito pelo ultimo governo, que fechou os ouvidos aos clamores do comercio, deixando que tudo ficasse na mesma, e os navios ex-alemães continuassem a navegar ao sabor da Comissão de Transportes Maritimos, onde primava tudo, menos a competencia.

Vão agora, ao que parece, ser entregues alguns, senão todos, dos navios ex-alemães, á Empreza Nacional de Navegação para ella reforçar as carreiras d'Africa, o que já ha muito se deveria ter feito.

Achamos uma medida sensata e de largo alcance economico. A Empreza Nacional, representa no nosso Paiz o raro modelo de boa e sã administra-

mente de tomar a mais—para nós—triste resolução sobre a manutenção da «*Revista de Turismo*» pois ella é simplesmente o resultado d'um esforço patriotico, e não o fim d'uma empreza de grandes capitalistas.

ção, e se não fosse ella o serviço marítimo para as nossas colonias estaria n'um perfeito cahos.

Creemos que nada menos de quatro vapores de passageiros apprehendidos, nos restam ainda, o *Indiu*, o *Laurença Marques*, o *Quelimane*, o *Murmugão*.

Tirem-se os dois primeiros, á carreira d'Africa, e estabeleça-se uma linha mensal e regular para o Rio de Janeiro e Santos, e acabe-se de vez com semelhante vergonha.

Estes dois barcos, com optimas installações para passageiros, pouca falta farão ao serviço colonial pois a sua capacidade de porões é pequena, e porque outros navios só de carga ficariam ainda, e de grande tonelagem, para assegurar o transporte dos generos coloniales para a Metropole.

Lucta-se em Portugal com uma difficuldade enorme de subsistencias, e no Brazil ha grande quantidade de productos agricolas e de carnes para exportar para a Europa, o que a falta de transportes tem impedido.

Na Argentina, além da grande quantidade de carnes congeladas que ha para exportação, existe um grande *stoc* de trigo, que podia vir suprir as nossas necessidades.

Depois o factor politico que ao nosso paiz vem trazer tal linha de navegação é tão importante, como o desenvolvimento economico, que pela mesma linha espera ter o nosso commercio exportador.

E logo que fossem dados os vapores a exploração da Empreza Nacional era o mesmo que iniciar, após a guerra, uma poderosa linha de navegação pelo pavilhão portuguez, pois estamos seguros d'isso, o seu desenvolvimento ha-de ser tão grande como foi o das sucursaes no Brazil do Banco Ultramarino, que começaram por uma timida agencia no Rio de Janeiro, e hoje são o que toda a gente sabe.

Ao Brazil, não se deve mandar missões a fazer discursos, mas factos que revelem a nosso progresso, e a nossa vontade de tomar o lugar que nos compete entre as outras nações.

Repare-se para o desenvolvimento marítimo da Alemanha, antes da guerra, o da Holanda e o da Italia, cujas marinhas mercantes, asseguraram em

pouco tempo um vasto mercado ao commercio dos seus paizes.

Repare-se n'isso e olhe-se para nós, que facil é encontrar o caminho.

GUERRA MAIO

A INDUSTRIA DE TURISMO E O SEU DESENVOLVIMENTO

III

ANTES de proseguirmos nas nossas considerações acerca do desenvolvimento da industria do turismo no nosso Paiz, seja-nos permitido um pequeno queixume, que a nossa consciencia não pôde calar. E' que o nosso ultimo artigo ficou tão floreado de galhas, que mais parecia um casaco torcemente remendado, do que uma serie d'idéas alinhavadas com pouca arte.

Não foi, porem, só o nosso artigo mimoseado com a benevolencia do revisor. Ela estendeu-se, como grande virtude que é, a muitos outros, onde essas quezilentas amigas pulularam como... as brôas nas montras dos confeiteiros.

Fôo o brinde do nosso revisor.

...E não querendo interpretar diferentemente o caso, só lhe agradecemos a intenção...

Propuzémo-nos, em o nosso ultimo artigo, a expôr tão claramente quanto nos fosse possível n'uma singela descripção, o que pensamos acerca d'um factor que consideramos imprescindível para o desenvolvimento da industria do turismo em Portuga, a que demos o titulo de

NUCLEOS REGIONAES

E' pois sobre este—para nós—importante thema que vamos hoje desenvolver as nossas idéas.

Classificamos de *nucleos regionaes*, o que os francezes chamam *Comités d'Aménagements locaux*, isto é—uma sub-divisão dos syndicatos d'iniciativa existentes em França, a que entre nós poderemos dar o titulo—bem apropriado—de sociedades de propaganda; e a sua ação lá—como poderá ser aqui adoptada—é consagrada simplesmente á defeza dos interesses locais, pela conservação do existente e que represente um symbolo; cujo desenvolvimento do que seja susceptível de valorisar a localidade propria, não só nos rendimentos do seu commercio e da sua industria, mas,

tambem, na exposição das suas belezas naturaes e artisticas; procurando com a sua legitima expansão atrahir a si a maior massa de forasteiros, pelo resultado dos seus proprios esforços e pela sua conjugação com os do syndicato d'iniciativa ou sociedades de propaganda a que devem directa descendencia, em circumstancias especiaes.

Ora, a instituição em Portugal d'estes nucleos, não deve ser coisa difficil.

E' certo que nem todas as localidades na nossa terra podem constituir pontos de turismo. Essa classificação só poderá ser dada ás que possuam elementos suficientes para disfructarem dos beneficios que d'ahi resultam. Para isso, porém, é absolutamente indispensavel que se faça um rigoroso estudo sobre as condições e vantagens que oferecem os sitios naturalmente indicados como pontos de turismo, e que, sobre os seus resultados, se estabeleça uma carta turistica, a fim de orientar quem tiver a missão de dirigir superiormente a vida de turismo, ou a industria das viagens no nosso Paiz. Só depois de feito esse estudo é que se poderá dar sêr, em cada localidade, que receba a classificação de ponto turistico, ao respectivo nucleo regional.

Este deverá ser auxiliado não só pelas entidades a quem directamente interesse a sua ação, mas, coadjuvado e protegido pelas instancias ás quaes esteja subordinado, embora se deva gerir por uma forma relativamente autonoma.

Essas instancias são, superiormente: a Repartição Official de Turismo, por intermedio das *Sociedades de propaganda*, e estes agrupamentos, cuja influencia no desenvolvimento da industria do turismo deve ser considerada de grande valor.

Da fórma como, em rapido esboço, expuzémos a nossa idéa sobre os nucleos regionaes, cremos que se poderá aquilatar do valor que lhes attribuímos e inferir qual o papel que eles devem desempenhar no progredimento da nossa industria turistica.

E se bem que os consideramos como

orientadores do esforço individual, não podemos, contudo, deixar de simultaneamente os subordinar a uma especie de tutela official, não só para que sobre elles se possa exercer uma util fiscalisação, mas, ainda, para que obedeam a um programa que torne homogenia a sua ação e, assim, usufruam das vantagens e concessões que lhes possam ser dispensados pela Repartição Official.

Parece-nos essencialissimo este ponto na instituição dos *nucleos* regionaes, afim de se conseguir que eles não desfaleçam na sua ação, e que esta produza os seus efeitos desejados, os quaes redundarão em immediato proveito das localidades sobre que exercam a sua influencia.

E' evidente que a constituição d'estes nucleos deve ser unica e exclusivamente da escolha dos interessados em cada localidade, sem dependencia da sanção official. Esta, porém, só deverá fazer-se sentir no actos em que a sua pratica não deva differir da ação comum, para que ela seja o mais homogenia possivel e, d'esta fórma, os nucleos constituam os elos da corrente que deverá formar a união turistica em o nosso Paiz.

A não subordinação a essa tutela official, resultará, sem duvida, um desperdicio de recursos e uma dispersão de forças principaes, tão necessarias aos alicerces sobre que se deve elevar a industria do turismo.

M. M.

LISBOA MODERNA

ESTÃO muito adiantadas as obras de construção do novo edificio para a Escola Normal de Lisboa, proximo á estação do caminho de ferro de Bemfica.

Desde a construção dos grandes e modernos edificios para os liceus de Passos Manuel, de Camões e de Pedro Nunes, Lisboa goza lá fóra da justa fama de ter modelares instalações para as escolas superiores; e agora o da Escola Normal, o do Instituto Technico, na Tapada da Ajuda, já concluído, e o do Liceu feminino de Maria Pia, em construção no Parque Eduardo VII, completam o numero de edificações escolares dignas d'uma capital como Lisboa.

Estendo-se a proceder á cobrança das assignaturas do 2.º semestre do corrente ano, rogamos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

HOTEL PORTUGUEZ

PARA SER CONSTRUÍDO NO SUL DO PAIZ

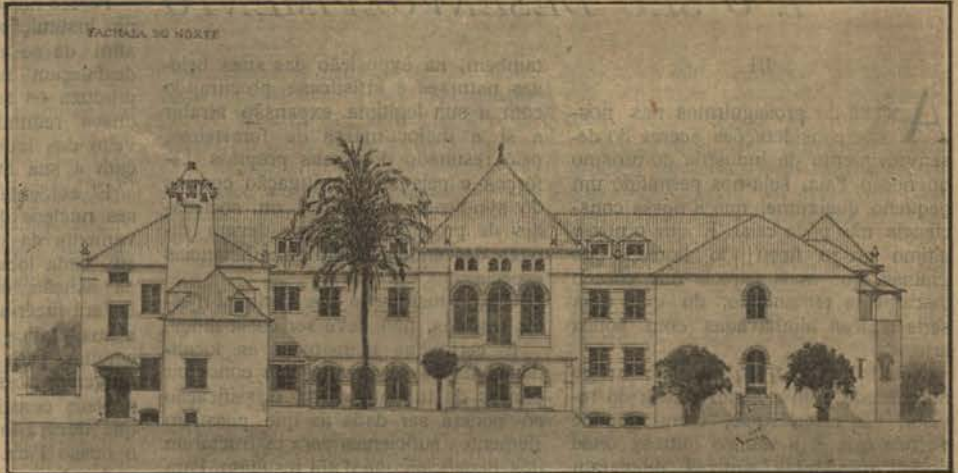
Por nos parecer da maior utilidade para os interessados na construção de hotéis no sul do Paiz, damos a seguir o projecto e memoria do illustre architecto Raul Lino, apresentado á Sociedade Propaganda de Portugal, de cujo boletim com a devida venia transcrevemos:

Não nos compete falar da delicia dos nossos hotéis nem da enorme importancia da criação de casas ou palacios para hospedagem das pessoas que são obrigadas a percorrer terras de Portugal para tratarem da sua saúde, dos seus negocios ou apenas atraídos pelas nossas admiraveis paisagens. A Comissão de hotéis da Sociedade Propaganda de Portugal, melhor que nenhuma outra entidade, tem com notavel orientação e justa insistencia reclamado as atenções de interessados e responsaveis para este capital assumpto, do qual de-

pende em primeiro logar o tão desejado desenvolvimento do turismo.

A criação de hotéis no nosso Paiz não é apenas uma questão de emprego de capital, é tambem um proble-

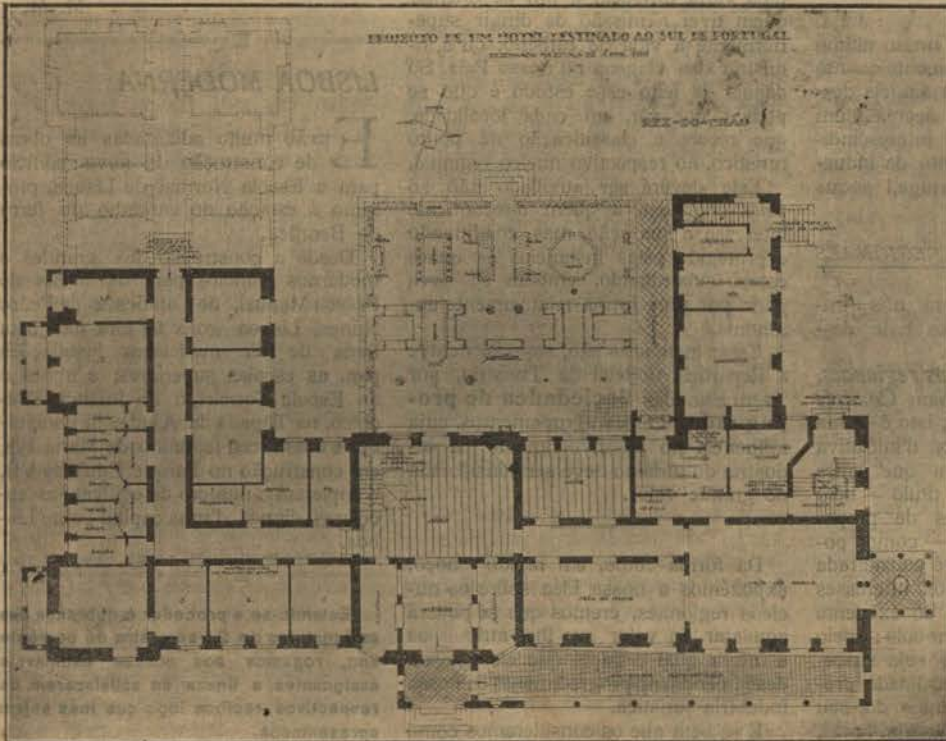
rito que infelizmente caracteriza tantos dos nossos empreendimentos. Não é tambem com a applicação de motivos de decoração dos estylos historicos copiados e adaptados de quaesquer monumentos, como que n'uma obra de pachorrenta colagem, que chegaremos a nacionalizar as nossas construcções. Temos imenso que aprender das disposições internas dos ho-



Fachada do Norte

ma architectónico que se tem de resolver. A adopção de typos estrangeiros, além de graves inconvenientes de ordem publica, é sobretudo tristissima affirmação d'aquella fraqueza de espi-

teus estrangeiros, sobretudo dos hotéis de maior luxo, mas não devemos copiar de modo algum os seus aspectos exteriores que, transportos para o nosso meio, terão sempre um antipathico aspecto intruso.



O actual projecto, que fomos incumbidos de apresentar, não é o de um grande hotel de luxo do genero «Palace-Hotel», tão conhecido no estrangeiro, e não se destina exclusivamente a uma clientela cosmopolita que procure as dispendiosas distracções dos grandes centros. O hotel cujo projecto temos a honra de apresentar, pertence antes a um termo mediano, mas seria tão errado talharmo-lo pelas exigencias, ou melhor pela falta de exigencias da maioria dos nossos viajantes, como se cruzassem os braços esperando que uma aragem civilisadora viesse modificar profundamente os costumes das nossas classes médias. Podemos

«dizer que o que necessitamos é de um modelo de transição em que o critério de quem projecta deve achar um *justo meio* com certa adaptação discreta, por um lado, às condições modestas da maioria dos que viajam, e por outro lado correspondendo aos bons hábitos e exigências de pessoas com uma boa educação moderna. Assim por exemplo, o nosso projecto tendo boas salas de meza, uma sala de es-

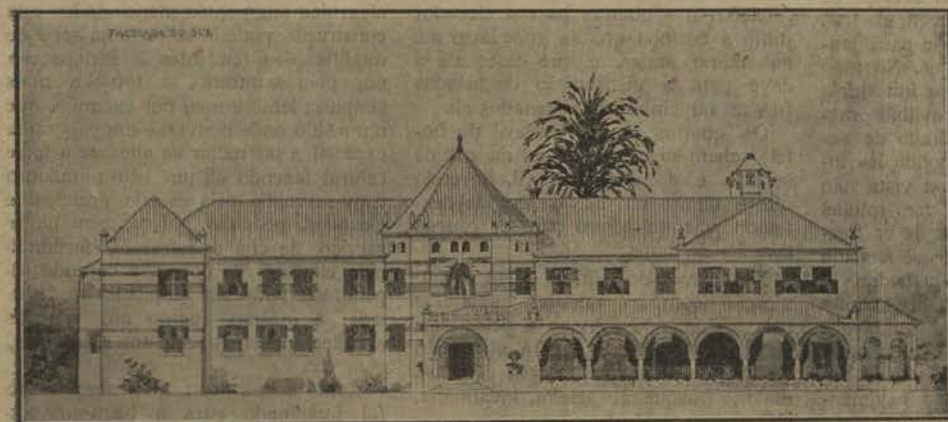
Se a planta do nosso hotel é adaptável a qualquer parte de Portugal com raras excepções, o aspecto das fachadas é adequado só ao sul do Paiz, podendo ser executado com propriedade, apenas eventualmente com alguma substituição de materias, em qualquer região desde o litoral do Algarve até cerca das alturas de Santarem.

Supozémos este nosso hotel desti-

A construção, cujo custo deve orçar por cerca de 35.000\$000, compõe-se de duas alas principais com rez do chão, 1.º andar e sótão, e uma ala só para os serviços do hotel com cave, rez-do-chão e sótão, abrigando estas tres alas um vasto recinto formando uma especie de claustro ajardinado para recreio dos hospedes.

Para as regiões quentes e quasi sempre accossadas de ventania no nosso Paiz é esta disposição da maxima conveniencia, muito aprazivel já pelo refrigerio e abrigo que oferece, já por dar logar a um mais facil e rapido desenvolvimento de arvores e plantas decorativas, prestando-se muito bem para a criação d'um jardim de caracter meridional com todos os belos elementos dos antigos jardins peninsulares, infinitamente mais atrahentes do que os insipidos arranjos de relva e palmeiras canarienses de quetanto se tem abusado. Suppozémos facil uma terraplanagem d'este claustro á altura do piso das salas para mais intima ligação d'estas com o jardim.

A entrada principal abre-se a meio da fachada Sul; ligados á entrada fi-



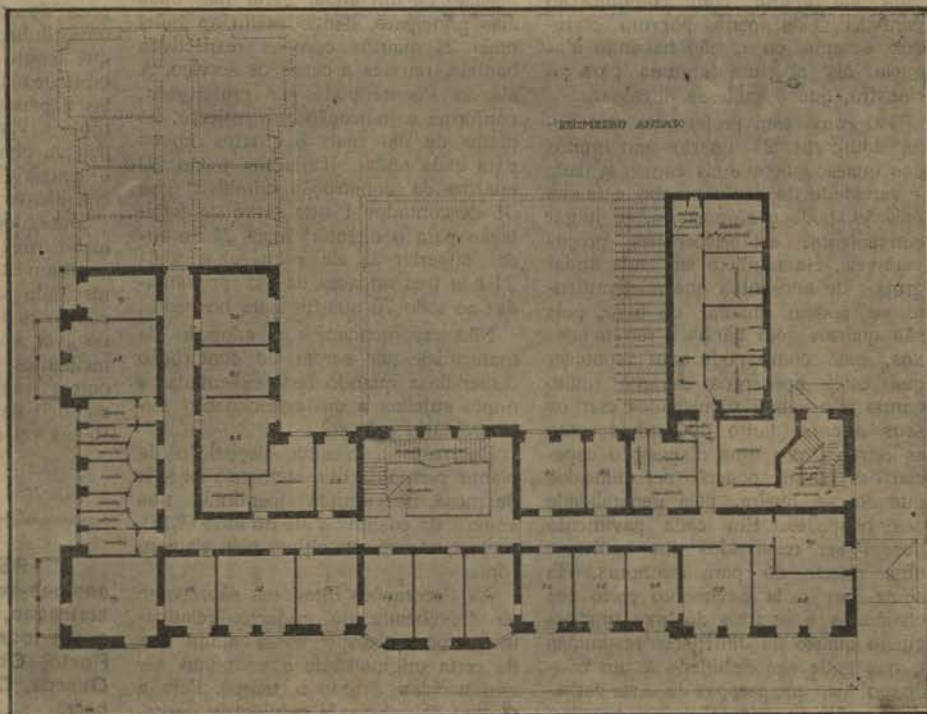
Fachada do Sul

tar, um atrio e varandas alpendradas, não comporta salas especiaes para leitura, jogos, fumo, etc., condições em si muito agradaveis, mas cujo custo de instalação se reflecte duramente nos preços de hospedagem.

E' portanto um novo titulo de hotel o que tentámos achar e se, como fica dito, foi posta de parte a ideia de um «Palace-Hotel» no entanto nem se trata de uma simples casa de hospedes nem se quiz fazer uma especie de caserna com o ar de um coordenador automatico para hospedes.

Tentámos (respeitando a questão economica) reunir umas certas condições de conforto e de esthetica, procurando achar um typo de hotel que se prestasse a um funcionamento irreprehensivel, quanto aos seus serviços e que tivesse um aspecto novo, atrahente e absolutamente cabido na região á qual se destina. Se algum nome novo fosse preciso achar para este modelo de hotel, proporíamos que se chamasse «Hotel-Solar».

nado á beira-mar do Algarve, para ser construido n'um amplo terreno que seria ajardinado em volta do edificio e de onde se disfrutasse uma vista agradável, pelo menos dos dois todos que na planta chamamos Sul e Poente.



cam o escriptorio e a loja do porteiro; a seguir passa-se a um grande atrio (hall) em que aloja a escada principal e de onde se comunica directamente com as salas e com o claustro ajardinado. Em todas estas partes se presta a haver serviço de chá, refrescos, etc.

Salas de meza poderão ser uma ou duas, conforme as necessidades da ocasião, e a varanda alpendrada ao Sul pode também ter serviço de restaurante com acesso directo da rua.

Nas duas salas alojam-se para jantar cerca de 100 pessoas. No topo da sala maior passa-se por um duplo arco para um pequeno pavilhão anexo que pôde ser aproveitado de varios modos segundo as condições locais, ficando aberto se a vista não for desagradavel, fechado com rotulas se for desejavel a entrada de ar fresco mas a vista feia, e até fechado com vidros pequenos «cathedral» e guarnecido de plantas se acaso nem a vista nem o vento forem estimaveis. Em qualquer dos casos, se a agua for abundante, ficaria bem uma bacia ao meio quasi rente ao pavimento e com um pequeno repuxo.

Do exame das plantas resalta logo o relativo isolamento das partes destinadas ao serviço, assim a condução das malas aos quartos dos hospedes faz-se pela escada de serviço ou eventualmente pelo elevador ali junto. Todo o movimento da cosinha e dos seus anexos está localisado em uma ala áparte com comunicação para as salas apenas por um corredor e uma copa, não havendo n'aquella ala abertura alguma para o claustro, que o pudesse devassar.

Tal como está projectado, este hotel comporta 21 quartos em muitos dos quaes cabem duas camas e, dada a variedade do seu tamanho e da sua posição, pôde o empresario, se julgar conveniente, estabelecer-lhes preços variaveis. Ha tambem em cada andar grupos de aposentos que relativamente se podem chamar de luxo, pois são quartos com banho e retrete anexo, mas como pôde bem acontecer que estes aposentos durante muito tempo não sejam requisitados com os seus anexos, tanto os banhos como as retretes, por uma disposição especial das portas, poderão ser utilizados quando se queira, pela generalidade dos hospedes. Em cada pavimento devem ser reservados um banho e uma retrete só para senhoras. Ha ainda em cada pavimento perto dos chamados aposentos de luxo um pequeno quarto de dimensões resumidas e que pode ser destinado a um criado ou aia, que pessoas de erta categoria não dispensam elevar consigo

em viagem. Estes devem ter uma campainha para chamadas de qualquer dos aposentos de luxo do mesmo andar.

Em cada pavimento ha ainda uma ou duas casas de serviço com rouparia anexa e onde podem permanecer os criados de quarto durante o dia para responderem ás chamadas por campainha ou por telephone dos quartos dos hospedes.

Para o serviço do 1.º almoço e das refeições nos quartos ha um elevador junto á cosinha que se pode levar até ao ultimo andar, e que desce até á cave para a distribuição de bebidas frescas ou vinhos armazenados ali.

Os quartos para o pessoal do hotel acham-se nos sotãos da ala de serviço e do corpo central, havendo n'este ultimo um espaço grande destinado a enxugadoiro para as roupas lavadas no hotel.

Nas caves do edificio e em comunicação com os andares superiores pela escada de serviço e pelos dois elevadores ha lugar para a instalação de deposito de combustivel, dispensa maior, fraqueira, geleira, lavanderia, etc.

A disposição dada á planta d'este hotel permite augmentos successivos no numero de quartos para hospedes sem prejuizo ou inconveniencia para os serviços geraes, conforme estão instalados.

As paredes grossas, além de serem bons isoladores, podem com a sobreposição de um andar geral nas duas alas principaes, dando assim ao hotel mais 21 quartos com os respectivos banhos, retretes e casas de serviço. A ala do Poente pode ser protogada, conforme a indicação no projecto, ao ponto de dar mais 8 quartos novos para cada andar. Teriamos então 30 quartos da construção primitiva (dos 31 descontados 1 que serve de habitação para o director) mais 21 no andar superior da ala principal e mais 24 nos tres andares da ala prolongada: ao todo 75 quartos para hospedes.

Não recomendamos a adopção de mansardas por serem de construção dispendiosa quando bem executadas e muito sujeitas a um aquecimento extraordinario pelo sol.

De resto a mesma disposição da planta permitiria um augmento da sala de mesa, na varanda alpendrada, nos anexos da cosinha e até no atrio (hall), projectando-se este ultimo pelo claustro fóra.

As decorações interiores são, como se apprehende do projecto, relativamente pouco dispendiosas ainda que de certa originalidade e poderiam ser enriquecidas a todo o tempo. Para a pintura das obras de carpintaria empre-

gariamos com predominio o branco de nata, com o proposito de dar logar a que os hospedes, director e pessoal possam mostrar o seu aceio escrupuloso, não impedindo contudo que haja placas de vidro junto aos puxadores de todos as portas.

Um projecto de hotel como este, apesar de toda a elasticidade da sua planta, não poderia corresponder em absoluto ás condições de todo e qualquer caso, mas convém observar que além dos augmentos mencionados esta construção poderia sofrer uma serie de modificações tendentes a enriquecê-la ou, pelo contrario, a torná-la mais simples; lembra-nos, por exemplo, que n'um sitio onde houvesse um panorama especial a disfrutar se alteasse a torre central fazendo ali um bello miradouro com serventia pela escada principal e elevador, podendo ahi tambem haver serviço de chá e refrescos facilitado pelo elevador da copa; a varanda alpendrada pode ser ampliada ou reduzida, o mesmo quanto aos adornos architectonicos do claustro ajardinado, etc., etc.

Como acima ficou dito, este projecto foi imaginado para a beira-mar do Algarve e julgamos que nos seus aspectos exteriores se encontrará qualquer coisa de regional esperando que não lembre, apesar da sujeição rigorosa que houve á propriedade da planta, quaesquer hotéis do estrangeiro.

Será porventura muito singela a decoração exterior, em compensação podemos dar toda a atenção ás proporções do conjunto e partes, obtendo uma linha interessante dos telhados que seriam cobertos com telha «Lusa» branqueada a cal e que com as rotulas e persianas verdes, a alvenaria de tijolo á vista, as suas arcarias e agulhas, a chaminé historizada, o azulejo e demais elementos nos dão uma mancha alegre de construção solarenga.

Desejamos ter encontrado uma solução original para um problema novo, e uma vez experimentado e julgado o resultado dos nossos estudos, seria com o maior interesse que tentaríamos resolver novos casos em projectos semelhantes para «Hotéis Solares» nas outras regiões do nosso País, taes como o da incomparavel Cintra, a das Beiras ou do nosso Norte.

RAUL LINO

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do país.

DO ESTRANGEIRO

CARTA DE FRANÇA

PARIS, Janeiro 1918.

HA, certamente, em Portugal, uma grande parte da sua população que pensa que, em França, hoje, todos os espiritos se absorvem na apreciação do magno problema da guerra, e que todas as suas diferentes phases são discutidas, examinadas e encaradas pelos prismas que apresentam «au premier abord».

Se assim é realmente, essa gente vive n'um doce engano — primeiro, porque os francezes, endurecidos já pela experiencia de quasi quatro longos anos de lucta, não acolhem intimamente, com o alvoroço das primeiras impressões, as novidades sensacionais que lhes chegam pelo mais rapido — como pelo mais ponderado alvoroço, se bem que no seu semblante tentem sempre exprimir o reflexo da alegria que lhes deva causar uma boa-nova; depois, porque nem toda a gente se só preocupa da guerra. A esta, apenas um feito de sensação que decida eficazmente da marcha das coisas, pode atrahir o pensamento — relativamente no que toca ao patriotismo, entusiasmadamente no que respeita aos proprios interesses ou aos que directamente lhe estão confiados.

E' assim que no campo do turismo, a guerra cede lugar ao que tambem muito directamente interessa ao futuro da França; e isso é a expansão da sua preciosa industria turistica, cujos resultados, já experimentados com surpreendente exito n'esta intelligente nação, alimentaram de raiz o alento e a energia suficientes para fazerem trabalhar, a partir do momento oportuno, as engrenagens da potentosa machina geradora d'essa industria, que mais uma vez ha de trazer-lhe a felicidade.

A sorte das armas da França, no momento actual, depende da intelligencia dos generaes que as comandam; e não obstante os seus movimentos serem, passo a passo, seguidos com os olhos inflamados de patriotismo por todos os que chamam a sua patria a este enorme torrão, nenhum francez, cuja directá responsabilidade não esteja ligada aos successos que se desenrolam, tem a ousadia de se imiscuir na sua apreciação ou de criticar os seus resultados. Da mesma sorte, a situação mundial do seu paiz — *après la guerre*, depende tão sómente da perspicacia dos seus agentes diplomaticos, como o desenvolvimento do seu futuro economico cabe, em grande parte — senão

no todo, aos seus organismos vitaes.

E como a industria do turismo é o primeiro d'entre os primeiros d'esta cathogoria, os que a ela teem consagrado o melhor dos seus esforços não descançam um só momento na preparação de tudo quanto é necessario e indispensavel para a rodearem de todos os elementos de vida e de ampla acção, n'uma continuidade que não possa ser perturbada por qualquer concorrência, e que assegure á França o logar primordial entre os paizes turisticos.

E' sob este supremo ideal que aqui se vão dispondo as coisas, no intuito de, desfeito que seja o fumo do ultimo tiro, tudo estar preparado para se receberem os visitantes já dispostos a embarcar no primeiro comboio ou no primeiro vapor, depois de assinada a paz; e na sua passagem para os pontos ensanguentados pelas luctas, ou durante a sua estada n'este hospitaleiro «*auberge*» se lhes proporcionar os maiores atractivos e as comodidades que satisfaçam aos frasteiros mais exigentes, como aos mais despreocupados.

Paralelamente com essa intensiva acção, a propaganda tem sido exercida por uma forma persistente e incansavel, não se poupando os francezes ás despezas e sacrificios tendentes a mostrar, por todas as fórmulas e feitos, as belezas do seu paiz, as suas excepçoes condições de turismo e de sanatorio, e a preciosidade das suas riquezas naturais e artisticas. As publicações espalhadas por todo o mundo, os albums illustrados distribuidos profusamente, os «*dépliants*», monographias, emfim — um sem numero de prospectos de toda a sorte, e de reclamos os mais variados teem sido o complemento dos agentes isolados e de comissões diversas que por todas as partes do globo andam apregoando o seu paiz e arrançando as maiores facilidades em comunicações de toda a a ordem, sem qualquer compensação, ou a troco de concessões sufficientemente justificadas. E ao passo que exteriormente assim se procede, cá dentro da propria França procuram-se todos os ensejos para, por todos os meios possiveis, se praticar tambem uma intensa propaganda.

Ainda ha pouco, a Repartição Nacional de Turismo, o Serviço de Propaganda do Ministerio dos Estrangeiros e o Touring Club, no *simples e unico intuito* de mostrarem as belezas pitorescas d'uma região da França aos seus amigos da America do Sul, proporcionaram aos representantes, em Pa-

ris, da imprensa das Republicas latinas, uma interessante viagem aos Alpes.

Os convidados foram os Srs.: Barbagelata, do «*El Siglo*», de Uruguay; Joaquim Eulalio, do «*Jornal do Comercio*», do Rio de Janeiro; Facio Hebequer, da «*La Nacion*», de Buenos Ayres; Lapido, da «*Tribuna Popular*», de Montevideo; Lascano Tegui da «*La Razon*» e da «*Caras y Caretas*» de Buenos Ayres; Miguel Saut Iago Valencia, do «*Cromos*», de Colombia; Leão Velloso, do «*Correio da Manhã*», de S. Paulo (Brazil) e Carlos Silva Vidosola, do «*Mercurio*», de S. Thiago do Chili; indo por parte da Companhia dos Caminhos de Ferro P. L. M. o Sr. Chabannes, seu Inspector principal.

Antes da partida, os excursionistas foram recebidos na elegante sede do «*Touring-Club*» na — Avenue de la Grande Armée —, onde lhes foi feita uma carinhosa manifestação de sympathia; tendo, em seguida, visitado toda a instalação e tomado conhecimento da fórmula porque funcionam todos os serviços d'essa importantissima associação.

Por toda a parte onde a excursão passou, ella foi alvo do mais tocante acolhimento, especialmente em Lyon, onde o respectivo «*maire*» M. Herriot, lhe deu as «*boas-vindas*» por maneira que a todos sensibilizou.

O itinerario foi proficientemente estudado, de forma que todos os pontos interessantes pela sua situação, pelas suas paisagens e pelas suas belezas artisticas, assim como os pequenos centros industriaes ou de recreio, foram *cuidadosamente* visitados para que as impressões colhidas dêem a proficuidade esperada dos seus resultados.

O itinerario seguido foi o seguinte: Lyon, Grenoble, Saint-Pierre-de-Chartreuse, Uriage, Bourg d'Oisans, Le Lautaret — onde a caravana foi recebida no chalet-restaurant da Companhia P. L. M.; Galibier, St.-Michel-de-Maurienne, Temignon, Bonneval-sur-Arc, Iseran, Val d'Isère, Moutiers, Pralognan, Albertville, Ugine, Gargantas de Arly, St. Gerais, Chamonix, Gargantas de Aravis, Talloires, Annecy, Aixles-Bains, terminando em Paris.

Os syndicatos d'iniciativa de Grenoble e do Dauphiné prestarão um caloroso concurso a esta excursão, fornecendo aos visitantes, *como subtil reclame*, todos os preciosos elementos d'informação.

E' claro que toda a galanteria franceza teve largo campo d'acção n'esta interessante viagem; e nem o contrario era d'esperar, não só porque essa é uma das mais seguras armas francezas de combate, como, tambem, para que ella seja devidamente compensada e sublinhada nos diferentes e impor-

tantes jornaes americanos, que ali se achavam representados.

Eis, ahi, n'esse imitavel exemplo, o modo como este grande Paiz procura fazer-se atrahir e chamar para si a atençaõ dos que ella considera os seus mais preciosos hospedes do futuro.

E' por esta e por outras fórmas — como o envio d'uma *embaixada* de hoteleiros á America do Norte — que a França faz reclame á sua industria de Turismo.

— Mas é que ella está certa de que o seu futuro está no turismo, enquanto nós — os portuguezes — estamos á espera que... *dos mares venha o futuro de Portugal*...

J. C.

ESTRADAS

Vae passar por uma grande reparação, na sua quasi totalidade, a estrada de Monco a Chaves, que atravessa a provincia de Traz-os-Montes e passa a Valpassos.

E' uma obra necessaria pelo seu grande movimento, tanto de carros de transporte como de turismo.

ESTAÇÃO DE FUNCHEIRO

Está muito adiantada a construcção d'esta vasta gare, entroncamento do caminho de Ferro do Vale do Sado, com a Linha do Sul.

O novo edificio, tem todas as commodidades tanto para os passageiros como para os empregados.

O THEATRO NA GUERRA

REFERE o correspondente de Paris, do *Diario de Noticias*, que na frente portugueza, como nas outras frentes, não serão representadas nos seus theatros, peças portuguezas, por, segundo elle diz, foi d'aqui informado quem superintende nos referidos theatros, que no nosso paiz só se representam tradições.

E', como habitualmente se diz; uma desculpa de mau pagador, pois em Portugal ninguem seria capaz de dar tal informe. O que foi, foi algum cavalheiro francez rabisador de comedias que disse tão grande infamia, talvez convicto, pela imoderada importação do seu theatro, que em Portugal ninguem era capaz de produzir uma peça.

Se nós ao importar as produções francezas, obrigassemos os escriptores d'esse paiz a traduzir os nossos originaes, Portugal seria mais conhecido lá fóra, e não faria a figura desprezível que vae fazer nos palcos da frente occidental.



MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

1.º Nave Central da Igreja. — 2.º Lavatorio e entrada para o Refetorio. — 3.º Casa do Capitulo

A GRANDE DOCA DE ALCANTARA

EM março proximo, deve ser cheia d'agua a grande doca que se está construindo em Alcantara, o que permitirá o accesso a todos os navios de passageiros e de carga e em todas as marés.

Finda que seja esta obra, dar-se-ha principio ao prolongamento da doca n.º 1, para reparação de navios, afim de n'ella poderem entrar os maiores vapores.

Todo aquele que se interessa pela manutenção da Revista de Turismo, deverá dar-lhe o seu curso, ungariando-lhe assinantes e anunciantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.